

Participação de mulheres com deficiência na graduação e na docência em cursos de computação entre 2010 e 2024

Maria Carolina de Oliveira¹, Richard Nicolaas Meijerink², Camile Frazão Bordini³, André Minoro Fusioka¹

¹Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Paranaguá, Ivaiporã, PR– Brasil

²Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, SC - Brasil

³Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Foz do Iguaçu, PR - Brasil

maria.carolina@ifpr.edu.br, richardnicolaas@gmail.com,
camile.bordini@unioeste.br, andre.fusioka@ifpr.edu.br

Abstract. *This article analyzes the representation of women with disabilities (PwD) in undergraduate and teaching positions in Computer Science in Brazil, based on data from INEP (2010 to 2024). Although there has been growth in the number of PwD graduates, female participation remained at an average of 14.52%, highlighting persistent gender inequality. In teaching, there was more significant progress: the presence of PwD women increased from 14.86% in 2010 to 32.08% in 2024. Despite this, men still constitute the majority of the teaching staff. The data suggest progress in inclusion policies but reinforce the need for specific strategies to increase the entry, retention, and advancement of PwD women in Computer Science.*

Resumo. O artigo analisa a representatividade de mulheres com deficiência (PcD) na graduação e na docência em Computação no Brasil, com base em dados do INEP (2010 a 2024). Embora haja crescimento no número de concluintes PcD, a participação feminina manteve média de 14,52%, evidenciando persistente desigualdade de gênero. Na docência, houve avanço mais expressivo: a presença feminina PcD passou de 14,86% em 2010 para 32,08% em 2024. Apesar disso, os homens ainda são maioria no corpo docente. Os dados sugerem avanços nas políticas de inclusão, mas reforçam a necessidade de estratégias específicas para ampliar o ingresso, permanência e ascensão de mulheres PcD na Computação.

1. Introdução

O Brasil possui um histórico de um público majoritariamente masculino nos cursos de informática. Segundo dados do INEP [Brasil 2025], entre 2010 e 2024, 648.990 concluintes do eixo de Computação e Tecnologia da Informação eram homens, enquanto as mulheres totalizaram 119.680, correspondendo a apenas 16% dos profissionais formados na área. Na docência do eixo, os homens também são maioria com aproximadamente 68%, contabilizando 19.676 mil professores em 2024.

Essa discrepância entre a presença feminina e masculina no estudo das exatas, na participação política e profissional, principalmente em cargos de gestão, segue como

uma preocupação atual visto que a igualdade de gênero se tornou um dos objetivos do desenvolvimento sustentável proposto pela ONU (2026).

Vários programas de extensão buscam ao menos trazer uma equidade para essa realidade nas universidades e instituições de ensino superior, incentivando o ingresso e a permanência feminina nas áreas de TI através de encontros, cursos livres e outras atividades [Nunes et al. 2016, Ferrão et al. 2017, Da Silva et al. 2018, Paula et al. 2021, Lima et al. 2023, Freitas et al. 2024, Cunha e Tomaz 2025, Ferreira et al. 2025].

Entretanto, o cenário dessa disparidade possui um campo ainda mais desafiador: a inclusão de mulheres com deficiência no contexto do ensino e da docência na computação. De acordo com o IBGE (2025), em 2022 as mulheres representavam 57% dos brasileiros com deficiência, em sua maioria na região nordeste, tendo como principal dificuldade problemas relacionados à visão. Pontua-se ainda que a baixa instrução é quatro vezes maior do que em pessoas sem deficiência, sendo que em Piauí, por exemplo, aproximadamente 39% dos PcD acima de 15 anos são analfabetos.

Nesse sentido, ser mulher e PcD significa carregar dois estigmas ao mesmo tempo, o que intensifica os preconceitos já enraizados na sociedade. Como resultado, a exclusão se torna ainda mais presente no dia a dia dessas pessoas, ainda mais considerando a necessidade da utilização de telas para o contexto da TI, pois nem toda aplicação é acessível.

Portanto, este trabalho tem por objetivo realizar uma análise dos dados abertos do portal INEP em relação à estudantes e docentes do sexo biológico feminino com deficiência no eixo da Computação e Tecnologia da Informação, a fim de trazer uma reflexão sobre a participação dessas pessoas no contexto das instituições de ensino.

Além desta introdução, o texto está organizado da seguinte forma: na Seção 2 são apresentados estudos relacionados sobre representatividade feminina na computação; na Seção 3 é discutido sobre docência e inclusão, na Seção 4 é descrita a metodologia adotada para coleta, filtragem e análise dos dados; na Seção 5 são demonstrados os resultados; e, por fim, na Seção 6 são discutidas as conclusões e trabalhos futuros.

2. Representatividade das mulheres na computação no Brasil sob a ótica dos trabalhos publicados no WIT

Do ponto de vista local e geral, alguns estudos com abordagem quantitativa publicados no WIT (*Women in Information Technology*) demonstraram dados relevantes sobre a participação feminina nos cursos relacionados à computação.

No Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Bento Gonçalves, Romagna, Heinzmann e Silva (2016) identificaram que as mulheres representavam aproximadamente 19% dos estudantes do curso Técnico em Informática. No Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Camboriú, Schmidt, Britto e Koehler (2016) observaram um percentual médio de ingresso feminino de 19,7% no Bacharelado em Sistemas de Informação entre 2010 e 2016, com uma taxa de conclusão de apenas 6% entre as alunas.

No Pará, Costa et al. (2020) analisaram a participação feminina nos cursos de computação da Faculdade de Computação (FACOMP) da UFPA, campus Castanhal, entre 2013 e 2019. Os resultados indicaram que as mulheres correspondiam a 20% dos

estudantes. Embora representem a minoria, os dados revelaram que a maior parte delas conclui o curso, enquanto os homens contabilizam maior número de desistentes.

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Nakamura et al. (2017) constataram que as mulheres correspondiam a 27,7% dos ingressantes em Ciência da Computação em 2017, embora tenham se tornado maioria no Doutorado em Informática em 2015. Já na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), De Souza, De Lima e De Sousa (2017) apontaram uma participação feminina de 28% na Licenciatura em Computação entre 2009 e 2016, sendo que 53,33% das estudantes relataram ter sofrido algum tipo de preconceito ao longo da trajetória acadêmica.

No Rio de Janeiro, Marinho, Fagundes e Aguiar (2019) analisaram dados da plataforma Nilo Peçanha referentes ao Cefet/RJ campus Nova Friburgo e constataram que, em 2017, apenas cerca de 5% das matrículas nos cursos de graduação em computação eram femininas, um percentual significativamente inferior à média nacional de aproximadamente 20% no mesmo período.

Em Pernambuco, Santos, Santana e Aureliano (2025) analisaram a participação feminina nos cursos superiores de computação do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) entre 2009 e 2022. A pesquisa revelou uma média de 18,2% de ingressantes mulheres no período, com pico de 22% em 2022. No Ceará, Mesquita et al. (2025) mapearam a representatividade feminina em cursos técnicos e de graduação da área de Tecnologia da Informação no estado, com base em dados de 2016 a 2022. Os resultados apontaram uma presença feminina de 17,4% nos cursos de computação do Instituto Federal do Ceará (IFCE).

Faro et al. (2025) analisaram a trajetória feminina em um curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) entre 2014 e 2023. Os resultados indicaram que, apesar da baixa representatividade feminina no curso, as alunas apresentam desempenho acadêmico similar ao dos alunos em todos os anos analisados. No Amazonas, Sato et al. (2025) observaram que cursos de Ciência da Computação e Engenharia de Software na UFAM, as mulheres também acompanharam o desempenho dos homens e, em alguns casos, os superaram, obtendo uma taxa de conclusão 4% mais alta para elas.

Em âmbito nacional, Cursino e Martinez (2021) analisaram os microdados do Censo da Educação Superior entre 2009 e 2018 e constataram que 85% dos estudantes da área de computação eram homens, com uma redução de 5% na participação feminina ao longo do período. Houve uma trajetória histórica de declínio na participação feminina: em 1987, as mulheres representavam quase 50% dos ingressantes no curso de Ciência da Computação; porcentagem que caiu para menos de 30% em 1994 e permaneceu abaixo dos 20% a partir de 1996 até 2016. A mediana de idade para ambos os sexos foi de 25 anos. Lopes et al. (2023) analisaram dados do INEP [Brasil 2025] entre 2010 e 2021 e identificaram um leve crescimento na proporção de mulheres ingressantes em cursos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que passou de 15,49% em 2011 para 18,9% em 2021 — um aumento de 3,41% no período, com expansão considerável da modalidade de Educação a Distância (EaD). Isso demonstra que, a partir de 2018, houve maior procura das mulheres pela área.

Ampliando o recorte para as áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), Nascimento et al. (2023) analisaram dez anos de dados do ensino superior brasileiro (2010–2019) e identificaram que, embora as mulheres representem 60% do

total de concluintes no ensino superior, a participação cai para 34% na STEM. Em cursos como Sistemas de Informação, Ciência da Computação e Engenharia da Computação, esse percentual gira em torno de apenas 15%. O estudo apontou um crescimento anual de 0,47% na presença feminina nessas áreas, com maior paridade de gênero nos estados do Espírito Santo, Tocantins, Rondônia, Roraima, Distrito Federal, São Paulo e Piauí. Inclusive, Oliveira et al. (2023) investigaram a influência do gênero nos cursos de computação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) entre 1990 e 2022. Os dados revelaram que, embora as mulheres sejam minoria no ingresso, são elas que apresentam a maior taxa de conclusão com 41%, contra 35% dos homens. O estudo destacou que, até o ano 2000, a participação feminina no ingresso era maior, variando entre 30% e 35%.

A relação entre a presença de professoras e o impacto na permanência de alunas também tem sido objeto de pesquisa. Van Vossen et al. (2023) analisaram dados do INEP entre 2015 e 2019 nas faculdades FCTFOR, FATEC EDUVALE, COTEMIG, FAETERJ Rio de Janeiro, FAETERJ Petrópolis, FATI, FACOMP, BANDTEC, FACJK, AMTEC, FAJKEMASII. Para os autores, não é possível afirmar que a redução de evasão é de fato causada pelo aumento de mulheres no corpo docente, mas o estudo demonstrou uma correlação entre as variáveis ($p\text{-value} = 0,71 > 0,05$).

Com relação ao perfil dos associados da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) com base em dados de novembro de 2018, Ribeiro et al. (2019) demonstraram que 78,13% dos registros eram do gênero masculino, enquanto as mulheres representavam 21,87%, com maior concentração nas regiões Sudeste e Nordeste. Sobre a participação feminina em eventos científicos, Duarte, Moura e Moro (2019) analisaram que entre 2011 e 2018 os eventos SBIE (Informática na Educação), IHC (Interação Humano-Computador) e SBSI (Sistemas de Informação) apresentaram os maiores números absolutos de mulheres tanto na composição dos comitês quanto na participação dos eventos. De acordo com o estudo de Dal Pizzol, Barbosa e Musse (2022), o IHC teve 42% de mulheres do total de participantes considerando informações até março de 2022; e, no período de 2018 a 2022, o evento WIT (*Women in Information Technology*) se sobressaiu com a quantidade de autoras, por volta de 85% em média [Soares et al. 2023].

3. Docência e inclusão

As mulheres também representam a minoria no contexto da docência na área de TI. A exemplo, no cenário do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Rauta et al. (2024) identificaram que apenas 14,56% compõem o quadro docente dos cursos técnicos e de graduação área de computação. Paula, Cardoso, Costa e Resende (2021) analisaram a presença delas no Ensino Básico Técnico e Tecnológico - EBTT nos dez cursos ofertados da área de tecnologia em seis Instituições Federais do estado de Minas Gerais. Embora as mulheres representem apenas 19,8% do corpo docente e 14,3% das coordenações de curso, elas possuem, proporcionalmente, a maior titulação acadêmica.

Na pós-graduação em Ciência da Computação, Castilho e Gouveia (2025) observaram que nas universidades UFRJ, PUC-Rio, UFRGS, UNICAMP, UFPE, USPSC e UFMG há apenas 22% de mulheres em média no corpo docente. O estudo também revelou que a maior parte das publicações de interesse dessas professoras concentra-se na área de Interação Humano-Computador (IHC), o que corrobora com as

pesquisas de Duarte, Moura e Moro (2019) e Pizzol, Barbosa e Musse (2022) citados na seção anterior, que mencionam a participação majoritária de mulheres em eventos da SBC relacionados ao tema.

Na perspectiva da inclusão, se faz necessário pensar na acessibilidade para mulheres com deficiência, o que, na verdade, beneficiaria a todos nessa condição. Para termos docentes que representem esse grupo, primeiro precisamos de discentes. O trabalho relacionado ao tema específico publicado no WIT foi o de Viana et al. (2025), e traz um relato do percurso acadêmico de uma discente com paralisia cerebral (PC) no ensino superior Sistemas de Informação na Unifesspa, no município de Marabá no Pará. A instituição teve, de 2016 a 2024, 86 estudantes mulheres PcD, com 22% formadas e a maioria restante ainda em curso. A discente, única ingressante com PC na história do curso, reforçou a necessidade de utilização e investimento em Tecnologias Assistivas, bem como a formação docente para sua utilização e aprimoramento das metodologias de ensino e avaliação, como prova oral para explicar um código fonte. Ressalta-se que a discente cursou a disciplina de Programação em linguagem C++, do primeiro período, quatro vezes antes de ser aprovada. Além disso, com relação à estrutura da universidade, seria importante a instalação de portas deslizantes em laboratórios e bibliotecas, reestruturação de calçadas e manutenção dos elevadores.

Sobre a docência de mulheres com deficiência no ensino superior, Veronezi, Ribeiro e Gomes (2022) avaliaram os dados de 2018 do INEP, os quais mostram que entre as 694 professoras, a maioria possui pós-graduação: 38% são mestres, 35% doutoras e 26% especialistas, enquanto somente 1% tem apenas graduação. Em relação a 2010, a proporção de doutoras PcD aumentou em 7 pontos percentuais, cenário motivante no âmbito geral dos cursos. Os dados reforçam a importância de estudos que discutam essas trajetórias a fim de fomentar práticas institucionais que incentivem não apenas o ingresso, mas a ascensão e a permanência dessas mulheres na carreira docente.

4. Metodologia

Inicialmente foi realizada uma observação considerando as publicações nos anais do WIT entre 2010 e 2025. Avaliou-se que havia vários estudos sobre representatividade feminina, mas com relação ao tema de deficiência e/ou docência encontrou-se uma lacuna a ser trabalhada. A partir de então, a pesquisa foi delimitada nas fases de escolha de escopo, coleta, filtragem e análise de dados.

O escopo é o estudo da representatividade de mulheres PcD na graduação e na docência na área da computação nas instituições de ensino superior brasileiras de 2010 a 2024, sendo que para a graduação serão consideradas as concluintes por ano avaliado.

A coleta e a filtragem foram realizadas com base nos dados abertos do INEP [Brasil 2022] - Censo das Instituições de Ensino Superior, realizando-se o *download* dos arquivos de cada ano do período do escopo. A última atualização informada no site oficial foi feita em dezembro de 2025. Foi verificado que as bases não continham as informações necessárias para o desenvolvimento deste trabalho, como a separação por sexo das quantidades totais de PcD, havendo apenas a quantidade geral total. Buscando alternativas, em um portal oficial do INEP [Brasil 2025] com uma *dashboard* feita no PowerBI, foi encontrado essa separação pelo ícone de “atributos”. Entretanto, a extração desses dados manualmente seria morosa, o que culminou no desenvolvimento de uma automatização em linguagem Python. Os arquivos dessa fase podem ser obtidos neste

repositório. Utilizou-se a biblioteca Pandas, considerando a coluna `CO_CINE_AREA_GERAL` como 06, representando apenas os dados dos cursos enquadrados na categoria “Computação e Tecnologias da Informação (TIC)”, quantidade de alunas PcD formadas diferente de zero, e quantidade de professoras PcD em exercício diferente de zero. O filtro retornou 578 instituições com profissionais formadas e 198 instituições com professoras na condição mencionada, além de informações como o estado, o código e nome completo da instituição para cada ano do período de estudo definido, unindo os microdados “CURSOS” e “CADASTRO_IES” do INEP.

A análise busca uma compreensão de, além dos dados por gênero, um panorama das instituições que mais formam e mais contém mulheres PcD no seu histórico, além de relacionar essas informações com os estados e regiões do Brasil onde esse feito mais ocorre, realizando a plotagem dos mapas com a biblioteca Plotly.

5. Análise dos Dados

A análise dos concluintes demonstrou que a representatividade das mulheres com deficiência na computação teve uma média de 14,52%. Na Tabela 1 é possível perceber que houve um crescimento notável na quantidade de formandas em 2023 e 2024 com relação aos anos anteriores, inclusive para os homens. Embora o número de mulheres tenha aumentado entre 2010 e 2024, saltando de 11 para 158, o crescimento masculino foi ainda mais acentuado em termos absolutos: quase sete vezes mais no mesmo período. Esse descompasso explica por que a porcentagem feminina, apesar do aumento no número de mulheres, não apresentou uma elevação proporcional equivalente. O crescimento masculino foi expressivo, e manteve a proporção relativa das mulheres em patamares semelhantes aos de anos anteriores. Portanto, os homens continuam a ingressar e concluir em números substancialmente maiores, perpetuando a assimetria de gênero mesmo em um contexto de expansão.

Ano	Fem	Masc	% Fem
2010	11	106	9,40%
2011	34	118	22,37%
2012	40	173	18,78%
2013	48	211	18,53%
2014	31	231	11,83%
2015	28	196	12,50%
2016	29	200	12,66%
2017	29	200	12,66%
2018	33	201	14,10%
2019	28	248	10,14%
2020	45	302	12,97%
2021	48	347	12,15%
2022	56	375	12,99%
2023	118	512	18,73%
2024	158	725	17,89%

Tabela 1. Concluintes PcD em cursos de computação entre 2010 e 2024

Com relação à modalidade cursada, é possível observar uma transformação significativa no perfil de conclusão de cursos superiores a partir de 2022, quando a

modalidade a distância (EaD) consolidou-se como predominante para ambos os sexos: o ensino presencial registrou 42 concluintes femininas e 218 masculinos, enquanto o EaD saltou para 76 mulheres e 294 homens. Em termos proporcionais, a modalidade a distância passou a representar 63% das concluintes femininas e 61% dos concluintes masculinos em 2024, confirmando a mudança de preferência do público – Gráfico 1.

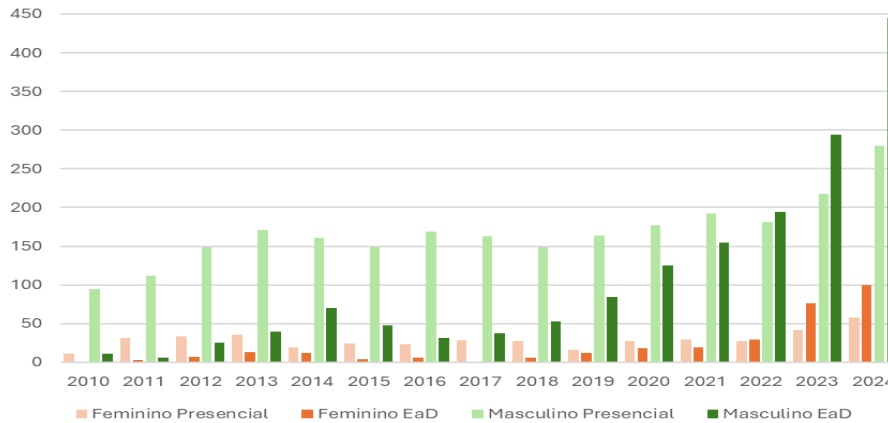


Gráfico 1. Concluintes PcD em cursos de computação entre 2010 e 2024 por modalidade presencial ou EaD

Na Figura 1 pode ser observada a distribuição dos dados femininos por estado. São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e Amazonas lideram a formação de aproximadamente 60% das concluintes brasileiras no intervalo estudado. Essa mesma proporção foi percebida para a formação dos homens nos estados mencionados.

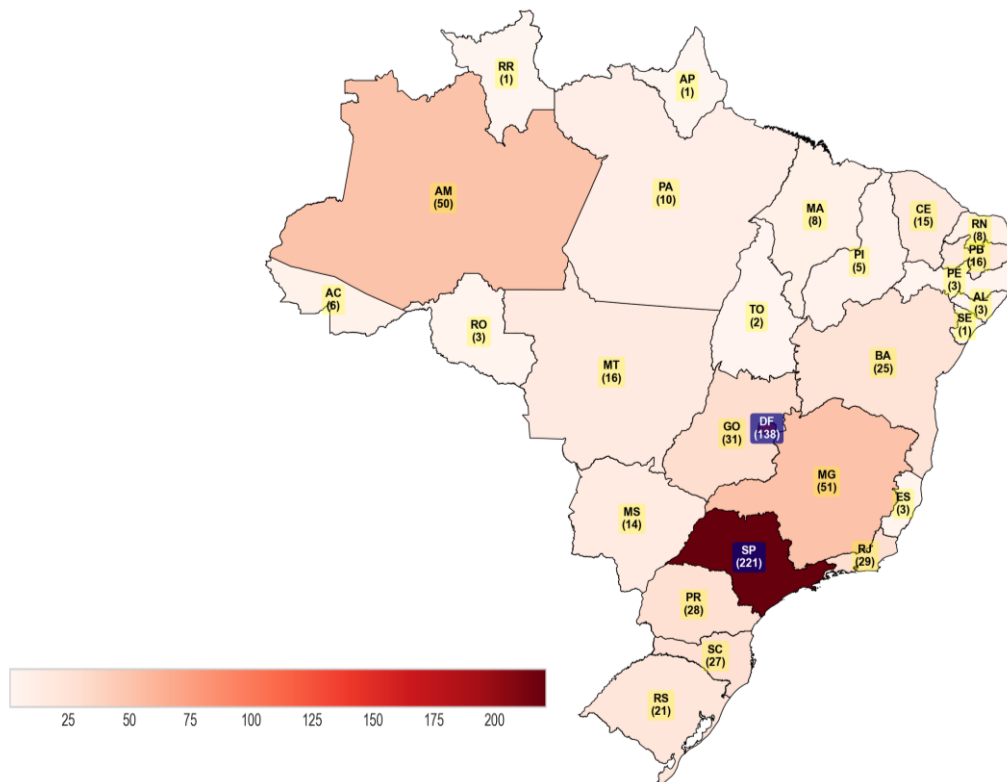


Figura 1. Distribuição de mulheres formadas PcD em computação por estado entre 2010 e 2024

Paraná, Goiás, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Bahia também se destacaram contabilizando mais de 100 formados e mais de 20 formadas. Estados como Amapá, Roraima e Sergipe registraram apenas uma concluinte cada, seguido de Alagoas, Espírito Santo, Pernambuco, Rondônia e Tocantins, que contabilizaram até 3 concluintes femininas.

As instituições que mais formaram mulheres no intervalo de 2010 a 2024 nos estados referência foram do âmbito privado: Universidade Paulista – Unip (45) no Amazonas; Universidade Nove de Julho - UNINOVE (25), Centro Universitário Sumaré (23), e FIAP Centro Universitário (15) em São Paulo; Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera – UNOPAR (31), Universidade Paulista – UNIP (16) e Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (13) no Distrito Federal; Universidade Fumec – FUMEC (6), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (6) e Universidade Anhembi Morumbi – UAM (5) em Minas Gerais.

Para os homens, a maioria das listadas anteriormente também somam números expressivos, acrescentados de: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia De São Paulo – IFSP (42), Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU (41) e Universidade Cidade de São Paulo – UNICID (41) em São Paulo; Universidade Cesumar – UNICESUMAR (106) no Distrito Federal; Universidade Nove De Julho – UNINOVE (30) e Universidade De Franca – UNIFRAN (21) em Minas Gerais. Portanto, também concentrada em instituições privadas, embora o IFSP, instituição pública, contribua entre os maiores quantitativos.

A representatividade das docentes PcD na computação, no intervalo estudado, teve uma evolução significativa – Tabela 2. O número total de docentes PcD cresceu no período, passando de 74 profissionais em 2010 (11 mulheres e 63 homens) para 240 em 2024 (77 mulheres e 163 homens), um aumento de aproximadamente 224%. No entanto, o crescimento foi notavelmente mais expressivo entre as mulheres, cujo quantitativo saltou de 11 para 77 no período, enquanto a masculina cresceu de 63 para 163.

Ano	Docentes PcD		% Docentes PcD Fem
	Fem	Masc	
2010	11	63	14,86%
2011	23	66	25,84%
2012	21	65	24,42%
2013	30	69	30,30%
2014	44	78	36,07%
2015	47	88	34,81%
2016	45	106	29,80%
2017	50	125	28,57%
2018	45	117	27,78%
2019	39	120	24,53%
2020	43	98	30,50%
2021	43	96	30,94%
2022	50	112	30,86%
2023	70	138	33,65%
2024	77	163	32,08%

Tabela 2. Docentes PcD em cursos de computação entre 2010 e 2024

Esse movimento refletiu-se diretamente na composição de gênero do grupo: a participação feminina mais que dobrou, passando de 14,86% em 2010 para 32,08% em 2024. O ponto mais alto ocorreu em 2014, quando as mulheres alcançaram 36,07% do total de docentes PcD, e observa-se uma tendência de estabilização na faixa dos 30% a 33% nos últimos anos. Apesar do avanço, os dados revelam que a docência universitária para pessoas com deficiência ainda é majoritariamente masculina, embora a lacuna venha diminuindo gradualmente. O crescimento consistente no número total de docentes PcD é uma evidência do avanço da inclusão, ainda que persista o desafio de alcançar uma equidade de gênero neste segmento profissional.

Na Figura 2 é possível observar que os estados que mais concentram instituições com docentes femininas com deficiência em 2024 são: São Paulo (22,08%), Distrito Federal (12,99%), Rio Grande do Sul (11,69%), Minas Gerais e Pernambuco (7,79%), seguido do Paraná (6,49%).

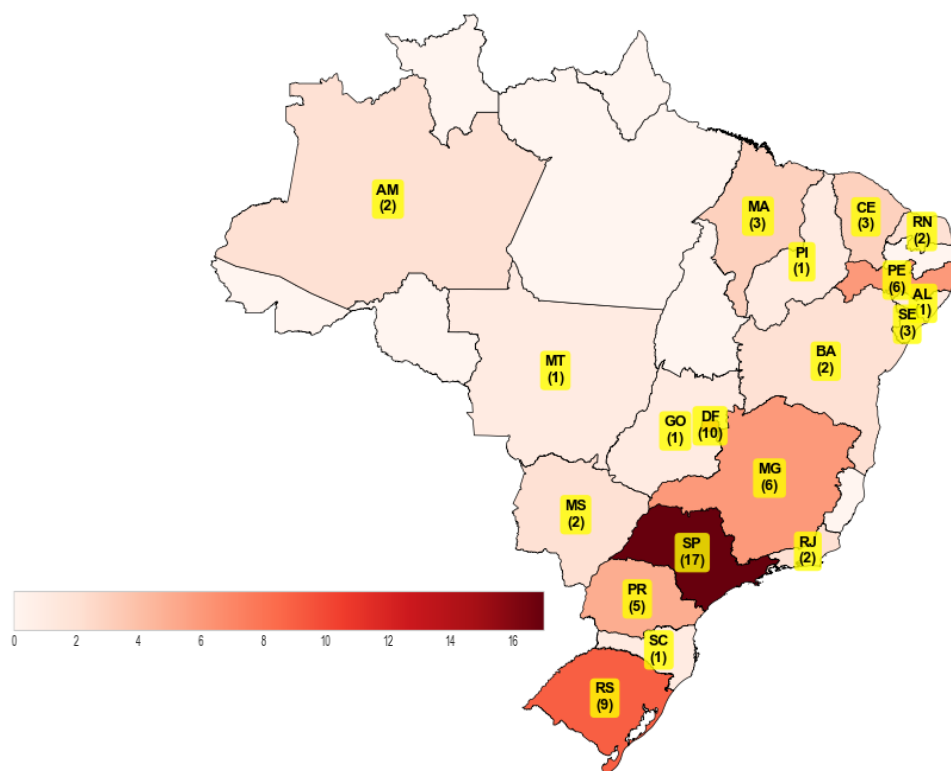


Figura 2. Distribuição de professoras PcD em computação por estado em 2024

No total são 62 instituições que possuem ao menos uma docente PcD em TI, se destacando a Universidade de Brasília (UNB) com 4 professoras, e as universidades Estácio de Sá (UNESA), Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Centro Universitário Senac SP (SENACSP) com três professoras cada. Em 2024, há 77 professoras no país na condição estudada.

6. Conclusão

A análise dos dados do INEP entre 2010 e 2024 revelou um cenário de avanços, mas também de desafios persistentes quanto à participação de mulheres com deficiência na computação brasileira. No que tange à formação de concluintes, a participação

percentual feminina manteve-se relativamente estável na média de 14,52% ao longo do período, indicando que, embora mais mulheres PcD estejam concluindo cursos de computação, ainda são minoria comparadas aos homens. Esse descompasso evidencia que, embora haja um avanço na inclusão que têm beneficiado ambos os sexos, ainda se perpetua a assimetria de gênero, sugerindo a necessidade de estratégias direcionadas que estimulem o ingresso feminino nesses cursos.

A transformação na modalidade de ensino, com a consolidação da Educação a Distância (EaD) como predominante a partir de 2022, configura-se como um fator relevante para reforçar a importância de investir em plataformas educacionais inclusivas e acessíveis, com tecnologias assistivas adequadas para garantir não apenas o ingresso, mas a permanência e o sucesso acadêmico dessas estudantes. A concentração geográfica das formandas, com São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e Amazonas respondendo por aproximadamente 60% das concluintes, também aponta para desigualdades regionais que precisam ser enfrentadas por meio de políticas públicas voltadas para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde a presença feminina PcD ainda é incipiente.

No âmbito da docência, os dados revelam um cenário mais promissor em termos de equidade de gênero. Embora os homens ainda sejam maioria, representando 67,92%, a participação feminina entre docentes PcD mais que dobrou no período, passando de 14,86% em 2010 para 32,08% em 2024, com pico de 36,07% em 2014. Destaca-se a concentração de professoras PcD em São Paulo (22,08%) e no Distrito Federal (12,99%), coincidentemente os mesmos locais da maioria concluintes de graduação.

Para trabalhos futuros, sugere-se aprofundar a análise da predominância de instituições privadas na formação de pessoas com deficiência (PcD), para entender se esse fenômeno decorre de maior oferta de vagas, flexibilidade do ensino a distância (EaD) ou lacunas estruturais nas instituições públicas. A compreensão das condições de trabalho de docentes com deficiência e das experiências acadêmicas de discentes PcD reforça a importância de discutir o papel de políticas públicas e legislações voltadas à educação inclusiva, avaliando sua efetiva implementação e os desafios ainda existentes. Por fim, recomenda-se avaliar o potencial de tecnologias emergentes, como a inteligência artificial na ampliação da acessibilidade digital, de modo a promover a inclusão.

Uso de Inteligência Artificial

Foi utilizada a ferramenta DeepSeek na identificação de erros de código na etapa de construção dos *scripts* em Python e na formatação das referências bibliográficas.

Agradecimentos

Ao Instituto Federal do Paraná (IFPR), por intermédio da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e da Direção-Geral do campus Paranaguá pela concessão do afastamento para capacitação.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior: Microdados do Censo da Educação Superior. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a->

- informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior. Acesso em: 28 fev. 2026.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Painel Estatístico: Censo Escolar da Educação Superior. Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: <https://s11nk.com/gHjj8>. Acesso em: 28 fev. 2026.
- CASTILHO, Rosane Teles Lins; GOUVEIA, Fabio Castro. Um Panorama da Presença Feminina nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Computação Brasileiros - Um Estudo Bibliométrico. In: *Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025. p. 196-206.
- COSTA, Rebeca Hilda Furtado; SILVA, Sara das Mercês; PIRES, Yomara Pinheiro; ARAÚJO, Fabíola Pantoja O.. Análise da Participação Feminina na Faculdade de Computação do Campus Castanhal da Universidade Federal do Pará. In: *Women in Information Technology (WIT)*, Cuiabá. SBC, 2020. p. 174-178.
- CUNHA, Ana Clara Ribeiro Rodrigues da; TOMAZ, Lídia Bononi Paiva. Conectando Mulheres à STEM: Um Panorama dos Eventos de Empoderamento Feminino na Tecnologia da Informação. In: *Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025. p. 47-58.
- CURSINO, Ariana R.; MARTINEZ, Juliana F. P. Análise Estatística Descritiva e Regressão da Inserção das Mulheres nos Cursos de TI nos Anos de 2009 a 2018. In: *Women in Information Technology (WIT)*. SBC, 2021. p. 21-30.
- DA SILVA, Jaciana B.; BRAGA .do B.; OLIVEIRA, Carina T.. Estratégias para Permanência e Êxito de Estudantes Mulheres em Cursos Superiores de Tecnologia da Informação e Comunicação. In: *Women in Information Technology (WIT)*, Natal. SBC, 2018. p. 49-53.
- DAL PIZZOL, Natália; BARBOSA, Eduardo Dos Santos; MUSSE, Soraia Raupp. Gender Representation in Brazilian Computer Science Conferences. In: *Women in Information Technology (WIT)*, Niterói. SBC, 2022. p. 67-76.
- DE SOUZA, Niellen N. M.; DE LIMA, Ana Carina G.; DE SOUSA, Decíola F.. Análise da Participação Feminina nos Cursos de Licenciatura em Computação e Sistemas de Informação. In: *Women in Information Technology (WIT)*, São Paulo. SBC, 2017. p. 1248-1252.
- FARO, Mai-Ly V. A. S.; LIMA, Alessandra C. N.; OLIVEIRA, Raphael P. de; SOUZA, Fernanda M. B.; SILVA, Gabriella N. dos S. da. Trajetória feminina nos últimos 10 anos em curso de Sistemas de Informação situado no interior de pequeno estado do Nordeste do Brasil. In: *Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025. p. 161-172.
- FERRÃO, Isadora Garcia; DE MELLO, Aline Vieira; MELO, Amanda Meincke. Gurias na Computação: fortalecendo e incentivando a participação feminina no Ensino Superior. In: *Women in Information Technology (WIT)*, São Paulo. SBC, 2017. p. 1200-1203.
- FERREIRA, Sthefany; SANTOS, Gabriela; CAVALCANTE, Victoria; OLIVEIRA, Alessandrea; COSTA, Catarina. Iniciativas de ensino de programação para

- mulheres: Um mapeamento sistemático. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025. p. 151-160.
- FREITAS, Gleyciane B.; RODRIGUES, Odileuza S.; PORTELA, Carlos S.; SANTOS, Viviane A.; PIRES, Yomara P.; MOTA, Marcelle P.; PALOMINO, Paula T.. Estratégias de Retenção Adaptáveis a Diferentes Perfis de Alunas de um Curso de Sistemas de Informação. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Brasília/DF. SBC, 2024. p. 35-46.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2026.
- LIMA, Waleska Gonçalves de; MACIANO, Giseli Duardo; SANTOS, Alessandra Ferreira dos; PEREIRA, Leihge Roselle Rondon; MAGALHÃES, Helena Cristina Dias; SASSI, Sabrina Bourscheid; MACIEL, Cristiano; NUNES, Eunice Pereira dos Santos. Por mais Mulheres na Ciência e na Tecnologia: ação formativa com abordagem STEAM na Educação Básica. *In: Women in Information Technology (WIT)*, João Pessoa. SBC, 2023. p. 239-250.
- LOPES, Raquel; MACIEL, Beatriz; SOARES, Dayanny; FIGUEIREDO, Larysa; CARVALHO, Marcus. Análise e reflexões sobre a diferença de gênero na computação: podemos fazer mais? *In: Women in Information Technology (WIT)*, João Pessoa. SBC, 2023. p. 68-79.
- MARINHO, Gisele; FAGUNDES, Simone; AGUILAR, Carolina. Análise da participação feminina nos cursos técnicos e de graduação da área de Informática da Rede Federal de Educação Tecnológica e do Cefet/RJ campus Nova Friburgo. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Belém. SBC, 2019.
- MESQUITA, Cecília et al. Mapeamento da Representatividade Feminina em Cursos Técnicos e de Graduação da área de Tecnologia da Informação no estado do Ceará. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025.
- NAKAMURA, Fabíola; LOBO, Ludymila; DE FREIT2017.iane; ALMEIDA, Taynah; MACHADO, Ana Lúcia; LAUSCHNER, Tanara. Participação feminina em cursos de computação: um estudo no Instituto de Computação da Universidade Federal do Amazonas. *In: Women in Information Technology (WIT)*, São Paulo. SBC, 2017.
- NASCIMENTO, Luciana Maria Azevedo; LIMA, Yuri Oliveira de; BARBOSA, Carlos Eduardo; COSTA, Luis Felipe Coimbra; SANTOS, Ana Moura; GALENO, Larissa; XEXÉO, Geraldo Bonorino; SOUZA, Jano Moreira de. Paridade de Gênero no Ensino Superior em STEM no Brasil: uma análise de 10 anos. *In: Women in Information Technology (WIT)*, João Pessoa/PB. SBC, 2023.
- NUNES, Maria Augusta S. N.; LOUZADA, Carolina S.; SALGUEIRO, Edilayne M.; ANDRADE, Beatriz T.; DE LIMA, Patricia S.; FIGUEIREDO, Raquel M. C. T.. Mapeamento de iniciativas brasileiras que fomentam a entrada de mulheres na Computação. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Porto Alegre/RS. SBC, 2016.

- OLIVEIRA, Rebeca C. de; CATABRIGA, Lucia; ZANDONADE, Eliana; VALLI, Andrea Maria P.; BOERES, Maria Claudia S.; AGUIAR, Camila Z.. A influência do gênero nos cursos de computação na UFES. *In: Women in Information Technology (WIT)*, 17., 2023, João Pessoa/PB. SBC, 2023.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Brasília: ONU. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 28 fev. 2026.
- PAULA, Suelen M. de; GAMA, Raylla L. S.; MELO, Isabella A. D.; DIAS, Adrielly C. E.; TERRA, Daniela C.; CHELONI, Leticia M. M. S. "Vai, Meninas!"- Uma iniciativa para fomentar a participação das mulheres nos cursos da área de tecnologia da informação. *In: Women in Information Technology (WIT)*. SBC, 2021.
- PAULA, Tainá Maria Dias de; CARDOSO, Yasmin Caroline Miani; COSTA, Talita Gomes da; RESENDE, Eliane Cristina de. Análise sobre a presença das mulheres como docentes EBTT em cursos da área de tecnologia e computação em Instituições Federais do estado de Minas Gerais. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 337-354, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- RAUTA, Caroline R. V. S.; CHAGAS, Maykon; ADÃO, Maria Clara; BRANDÃO, Jaqueline C.. *Gender Gap* no Eixo Tecnológico de Informação e Comunicação: o caso do IFSC. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Brasília/DF. SBC, 2024.
- RIBEIRO, Karen; AZEVEDO, Jéssica; MACIEL, Cristiano; BIM, Silvia. Uma análise de gênero a partir de dados da Sociedade Brasileira de Computação. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Belém. SBC, 2019.
- RIBEIRO, Laura; BARBOSA, Glívia; SILVA, Ismael; COUTINHO, Flávio; SANTOS, Natália. Um Panorama da Atuação da Mulher na Computação. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Belém. SBC, 2019.
- ROMAGNA, Maria Eduarda; HEINZMANN, Letícia; DA SILVA, Júlia Marques Carvalho. Meninas e Jovens na Computação. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Porto Alegre. SBC, 2016.
- SANTOS, Ana Carolina Barbosa dos; SANTANA, Ellen Patrícia Lopes de; AURELIANO, Viviane Cristina Oliveira. Análise da Participação Feminina nos Cursos de Nível Superior da área de Computação do IFPE. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025.
- SATO, Sofia de C. et al. Avaliação de Desempenho por Sexo Biológico nos Cursos de Ciência da Computação e Engenharia de Software. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025.
- SCHMIDT, Ana Elisa; DE BRITTO, Hiryna Philipps; KOEHLER, Mozara Dias. Levantamento e análise dos dados da presença feminina discente no curso de Bacharelado em Sistemas de Informação do Instituto Federal Catarinense, campus Camboriú. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Porto Alegre. SBC, 2016.
- SOARES, Maria Laura; SILVA, Anna Paula; CARNEIRO, Érica; VARJOLO, Luciana; GUEDES, Gustavo. Análise do gênero de pesquisadores em eventos do Congresso

da Sociedade Brasileira de Computação. *In: Women in Information Technology (WIT)*, João Pessoa. SBC, 2023.

VAN VOSSSEN, Laís Pisetta; SANTOS, Maria Teresa Silva; VASCONCELLOS, Daniella Martins; BORCHARDT, Guilherme Tomaselli; BUNN, Carlos Daniel Schmitt; SILVEIRA, Eric Carvalho da; GASPARINI, Isabela; FRIGO, Luciana Bolan. Análise da presença feminina no corpo docente e sua relação com o corpo discente feminino nos cursos de TIC. *In: Women in Information Technology (WIT)*, João Pessoa. SBC, 2023.

VERONEZI, Daniela Priscila de Oliveira; RIBEIRO, Geisa Müller de Campos; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Mulheres com deficiência na docência brasileira. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, 2022.

VIANA, Jennifer; ARAÚJO, Cristina; CARVALHO, Wemilly; ALVES, Marcela; SOUSA, Leia; KURIBAYASHI, Hugo. Mulheres, Computação e Acessibilidade: O Relato de uma Discente com Paralisia Cerebral no Ensino Superior. *In: Women in Information Technology (WIT)*, Maceió. SBC, 2025.